

**OS CONTRASTES CULTURAIS, SOCIAIS E IDEOLÓGICOS
ENTRE PERSONAGENS DO FILME “SETE ANOS NO TIBET”
SOBRE A PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA**

Marlene dos Santos Limieri Dualibe (UEMS)

marladualibe25@hotmail.com

Natalina Sierra Assêncio Costa (UEMS)

natysierra2011@hotmail.com

RESUMO

O filme “Sete Anos no Tibet” torna-se adequado à investigação por ser baseado em fatos reais, trata-se de uma adaptação do livro para o cinema, do diretor Jean Jacques Annaud e retrata os conflitos de Heinrich Harrer, um austríaco que parte para a missão de escalar o monte Nanga Parbat no Himalaia no final dos anos 30 e início dos anos 40. O longa metragem procura explorar ideias preconcebidas e cruzar com diferentes elementos da sociedade. O *corpus* selecionado para análise, foi escolhido através de recortes em cenas que possuem um contraste cultural marcante, para que enfim possa ser explorado sob a perspectiva da Sociolinguística, sendo assim nosso objetivo é examinar os elementos relevantes das práticas etnocêntricas do personagem Heinrich Harrer, e seu modo de superação, dadas as diferenças culturais, sociais e ideológicas entre os protagonistas, ressaltando as impressões dessa relação, marcada por heterogeneidade numa comunidade com base religiosa. Burke (2008) nos diz que um profundo conhecimento da realidade vivida por outras sociedades pode levar, efetivamente, à compreensão de um todo na comunidade em questão.

Palavras-chave: Cultura. Sociolinguística. Sete Anos no Tibet.

1. Introdução

O romance autobiográfico, “Sete Anos no Tibet”, tem como pano de fundo a montanhosa região do Tibet, ainda que, por questões políticas não tenha sido autorizado nenhuma filmagem naquele território, o diretor, Jean-Jacques Annaud, conseguiu enviar, de maneira furtiva, uma equipe de filmagens à China, embora, somente cerca de 20 minutos das imagens foram utilizadas no filme e os 118 minutos restantes foram filmados na cidade de Mendonza, na Argentina, que mostrou condições climáticas e geográficas semelhantes ao Tibet naquele período.

O Tibet possui uma história política complexa, considerado província da China, entretanto há uma resistência por parte dos tibetanos, que não aceitam a imposição da cultura chinesa, causando uma divergência na identidade de seus habitantes, entre elas, destaca-se a condição linguística, pois a língua falada no Tibet é o chinês, mas o tibetano é

muito utilizado nas regiões mais altas, conhecida como tibeto-birmanesa e com variedades linguísticas, como o kham, o amdo, o lassa, o dzonga, siquimês, a Sherpa e o ladakhi. Cerca de seis milhões de pessoas dominam essas variedades linguísticas no planalto do Tibet, e em torno de cento e cinquenta mil falantes no norte da Índia, Nepal e também Butão.

Segundo Labov, esse fenômeno que ocorre no Tibet, dividindo seus habitantes, de maneira tal, que alguns falantes consideram o chinês sua língua oficial, enquanto outros permanecem com idioma falado anterior à ocupação chinesa, demonstra “que a mudança linguística tem de ser interpretada como não conformidade às normas estabelecidas e que as pessoas rejeitam as mudanças na estrutura linguística quando tomam consciência delas”. (LABOV, 2001, p. 514)

A religião é uma das características mais relevantes para os tibetanos, que tem o budismo não só como uma religião, mas sim como uma filosofia de vida, cujo lema principal é compaixão, amor e respeito a todos os seres vivos. Na contrapartida temos o alpinista Heinrich Harrer, austríaco e membro da SS nazista, sendo “SS” uma abreviação de Schutzstaffel, cujo significado é Tropa de Proteção, a esses membros eram designados a função de proteção dos líderes nazistas, que por sua vez eram adeptos do Nazismo, um sistema de governo totalitário e extremista liderado por Adolf Hitler(1889/1945), que pregava a superioridade racial, idealizando unidade étnica, ou seja a raça ariana, considerada perfeita.

Saindo da Áustria, em 1939 com esse cenário radical, o alpinista, parte para sua missão, escalar o nono maior pico do planeta, o monte Nanga Parbat no Himalaia, todavia, pouco tempo após sua jornada ter iniciado, travou-se a Segunda Guerra Mundial e por ser a Índia protegida da Inglaterra, Harrer passou a ser considerado inimigo, sendo capturado e enviado a um campo de prisioneiros na Índia de 1939 à 1944.

Após diversas tentativas de fuga, Harrer e Peter Aufschnaiter, líder da expedição, também capturado, conseguem finalmente escapar e adentrarem a cidade sagrada de Lhasa, capital do Tibet, Heinrich se torna o melhor amigo de Tenzin Gyatso, 14º Dalai Lama, reencarnação do 13º, a partir de então, o jovem alpinista foi introduzido em um local, cujo costumes, apresentava uma ruptura com tudo o que Harrer acreditava até o presente momento, a princípio lhe causou estranhamento, provocando-lhe riso por tamanha disparidade, mas com a convivência esse sentimento transformou-se em uma profunda admiração, que oportunizou sua permanência no Tibet até 1951.

2. *Objetivo geral*

Analisando o *corpus* selecionado do filme “Sete Anos no Tibet”, buscamos embasamento teórico que nos trouxesse luz ao comportamento preconceituoso do alpinista Heirich Harrer, para um possível entendimento de como superou sua intolerância racial, que possibilitou uma convivência pacífica por sete anos, transformando seu antagonismo à cultura local, em admiração.

3. *Metodologia*

A obra cinematográfica “Sete Anos no Tibet” transcorre em quase 130 minutos de filme, possuindo um material bem extenso, por isso fizemos um recorte das partes mais significativas, cenas em que as diferenças culturais se colocaram como obstáculo. Abaixo uma lista com a marcação das cenas e sua localização exata na película:

Cena	Localização
Entrega da foto do dalai lama:	00:16:43
Harrer bate no cavalo	00:36:20
Recebido com palmas	00:37:44
Entrega da foto ao governador	00:37:47
Moradores mostram a língua	00:40:24
Minhocas nas escavações	01:21:07
Treinamento para batalha	01:37:40

4. *Análise dos corpus*

O filme levanta diversas questões culturais e sociais e nos leva à reflexão das diferenças indentityárias, capazes de promover grandes conflitos a partir do preconceito gerado pela não aceitação dessas oposições étnicas, levando a crença de superioridade racial.

Efetuamos o recorte de uma cena em que o alpinista demonstra hostilidade ao idioma: Quando cruzam com um tibetano, que montado em seu cavalo, fala em um dialeto local e agrega gestos à sua fala, na tentativa de se fazer entender, informando que não deveriam seguir viagem, pois estrangeiros não eram bem vindos, Aufschneider entende o que ele diz e tenta estabelecer um diálogo com as poucas palavras que aprendeu durante o tempo em que foi prisioneiro, mas Harrer se colocou em frente ao cavalo, de maneira zombeteira, articulou sons ininteligíveis, e batendo no cavalo com um vara, até que o mesmo se pusesse à galope, na sequên-

cia se vira para Peter e com sorriso nos lábios diz que não é preciso aprender a falar a língua dos tibetanos.

Essa cena nos trouxe uma citação de Labov, que diz:

[...] as raízes dos preconceitos nos leva a concluir, com Trudgill (1979), que essa não deve ser uma boa solução. Em primeiro lugar, é extremamente danosa em termos psicológicos. A linguagem não é simplesmente um meio de transmitir informações mas é sobretudo um símbolo de identificação do indivíduo com um determinado grupo social. Sugerir a criança que sua linguagem é inferior é de alguma maneira dizer-lhe que ela e todas as pessoas de seu meio são também inferiores. Em segundo lugar, é uma proposta errada em termos sociológicos, porque parece implicar que certos grupos sociais têm menos valor que outros. E, finalmente, é errada em termos práticos porque não leva a nada. Nunca se conseguirá, a menos que a sociedade fosse homogênea, eliminar as diversidades dialetais. (LABOV, 1984, p. 145)

Ao fazer escárnio com o idioma do tibetano, Harrer deixa claro uma atitude etnocêntrica, o que para alguns teóricos recebia o nome de superioridade racial, Humboldt foi um dos primeiros a levantar tais suposições, que a língua é intimamente influenciada pelo raciocínio pátrio:

A língua é também um instrumento mais propício para se apreender o caráter, um meio entre o fato e a ideia, e tendo sido ela formada por princípios gerais e vagamente percebidos como tais, e também composta em sua maior parte de um repertório já disponível, ela fornece não apenas recursos para o cotejo de várias nações, mas também uma pista para a verificação da influência de uma sobre a outra. (HUMBOLDT, 2006, p. 5)

Para Humboldt, os elementos que compõem uma nação, seja religião, política, sociedade, entre outros, são princípios que formam os diferentes conceitos linguístico, proporcionando uma simbiose entre língua e visão de mundo, entretanto Chomsky (1972), nos coloca sobre um outro prisma, pois acredita que a língua é também genética:

Sendo livre para refletir e contemplar, o homem é capaz de observar, comparar, distinguir propriedades essenciais, identificar e dar nomes. É nesse sentido que a linguagem (e a descoberta da linguagem) é natural no homem, que “o homem foi criado como ser falante. (CHOMSKY, 1972, p. 25)

Segundo Chomsky, somente o ambiente ao qual o falante está inserido, não pode definir toda a capacidade linguística do indivíduo.

Nessa citação de Chomsky, compreendemos a transformação do alpinista e complementamos com outra cena em que Harrer recebe de um peregrino, uma foto do menino dalai lama, naquele momento, aquela imagem não fazia sentido algum, mas ainda assim guardou a foto em sua carteira, entretanto, chegando à Lhasa, foram levados até o governador

da província e nesse momento percebe que o é o próprio senhor que teve o cavalo açoitado. Harrer em tom de desculpas, tira a foto da carteira e diz que é um presente, esse gesto ameniza o ambiente, porque para um Tibetano, a foto possuía um sentido grandioso, o modo como a foto foi recebida, levou o alpinista a refletir sobre o que aquela imagem representava para um tibetano.

Se o episódio da fotografia, em um primeiro momento, não teve relação alguma com a cultura de Harrer, descreveremos duas cenas que foram interpretadas em sentidos opostos a sua orientação: Ainda no caminho à Lhasa, são recebidos por habitantes locais, com uma salva de palmas, Heinrich pensa que isso é um ato de receptividade, então Aufschnaiter, lhe explica que esse gesto é usado para repelir forças do mal e com isso demonstravam que estavam insatisfeitos com a presença dos alpinistas. Em outra cena, mais adiante, encontram alguns mercadores, que lhes recebem mostrando a língua, o alpinista imediatamente associou o significado daquele gesto em sua cultura, e mais uma vez Aufschnaiter, lhe esclareceu que, naquela região, mostrar a língua era sinal de boas-vindas e que deveriam retribuir. Tratando-se de mercadores, entendemos o porquê da acolhida.

Conseguem, enfim, chegar a cidade sagrada, Aufschnaiter se integra mais rapidamente ao ambiente e estabelece romance com a única alfaiate (mulher) de Lhasa, Harrer é levado até o dalai lama, que tem sede de conhecimento e pede para que o alpinista lhe ensine coisa sobre a cultura ocidental, quer aprender a língua inglesa, canções, literatura, filmes, e simultaneamente, Harrer foi absorvendo a cultura tibetana.

Em dado momento o menino pediu para Heinrich construir um cinema, pois queria que o povo também tivesse acesso aos filmes, e aconteceu um fato inusitado, durante as escavações, Harrer ouviu os monges chorando e preocupado indagou o que estava acontecendo, para seu espanto, o choro era devido aos maus tratos às minhocas, e que elas mereciam respeito, pois poderia ter sido a mãe do alpinista em vidas passadas.

Nesse instante o alpinista não sabia o que fazer, como poderia parar as obras de um cinema, por conta de minhocas?

Entretanto, analisando a citação Peter Burke, esses momentos é que levavam Harrer à reflexão:

A cultura fundamental deve ser um prolongamento e uma reflexão do cotidiano. E na experiência com a terra, com o instrumento mecânico, com a máquina, com o seu grupo de trabalho, com a própria família, que o homem se

inicia no conhecimento do real e do drama da vida em sociedade, [...] (BURKE, 2008, p. 341)

Para o alpinista, que estava impregnado com as informações políticas nazista de seu país, somente consultando a sabedoria do dalai lama é que poderiam encontrar um viés para aquela situação e nesses instantes, ele assimilava o real drama daquela situação para aquela sociedade.

Por isso, e dentre outros motivos, Heinrich Harrer se sente envergonhado quando recebe a notícia da invasão chinesa e se pergunta como alguém teria coragem de usar algum tipo de violência contra um povo pacifista. Ainda assim aceita o pedido do pequeno dalai lama para que treine seus monges para defenderem seu território, mas como não possuíam material bélico e estavam em desvantagens pela quantidade de homens que iriam a campo. Sofreram uma grande perda.

Entendemos esse comportamento tibetano, quando refletimos a citação de Burke:

A sugestão de que a violência tem uma história cultural pode parecer surpreendente, já que ela muitas vezes é vista como a erupção de um vulcão, a expressão de impulsos humanos que nada têm a ver com a cultura. O argumento de que é uma espécie de teatro pode até parecer escandaloso, já que se derrama sangue de verdade. (BURKE, 2008, p. 139)

Mesmo sendo uma cultura pacifista, o impulso tibetano, foi defender seu território e lutar pelos seus ideais, entretanto, não houve tempo hábil para se preparem, por conta disso, nesse período da ocupação chinesa, mais de um milhão de tibetanos foram mortos e seis mil mosteiros foram destruídos. Em 1959 o 14º dalai lama foi exilado na Índia, seguido por oitenta mil tibetanos. Em 1960, o Dalai Lama fixou residência na cidade de Dharamsala, na Índia, que se tornou a sede do governo tibetano no exílio, a cidade ficou conhecida como "pequena Lhasa".

5. Conclusão

Em nossa pesquisa, descobrimos que a teoria se constrói na busca de entendimento para determinado comportamento, seja ele linguístico ou não. Mesmo percebendo que o relativismo linguístico de Humboldt ou universalismo linguístico de Chomsky, não correspondem a uma verdade única, porque o ser humano não é único, então, nos identificamos com determinada teoria e somos apresentados a outra, e mais outra e perceberemos as diversas possibilidades, na teoria da variedade linguística de Labov e buscamos apoio na história cultural com Burke, mas a humani-

dade não é estática e as teorias se renovam e se complementam.

Acompanhamos no decorrer de nossa pesquisa, os desencontros de informações sobre o Tibet, vimos que em sua política pacifista, há históricos de escravidão, de poder, de dominação, mas nosso intuito foi apresentar somente os fatos relevantes presentes no filme, ainda assim, tivemos que fazer recorte dos recortes, pois o espaço delimitado não nos permitiu avançar. Vimos na história da Áustria a imensidão do nazismo, mas esse não era nosso objeto de estudo, sabemos que há muito o que falar, e também, em nossa imaturidade intelectual, deixamos de falar muito, mas constatamos que a pesquisa é sempre muito enriquecedora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008

CHOMSKY, N. *Linguística cartesiana: um capítulo da história do pensamento racionalista*. Petrópolis: Vozes, 1972

HUMBOLDT, Wilhelm von. *Língua, literatura e bildung*. Org. por Werner Heidermann e Markus J. Weininger. Florianópolis: UFSC, 2006.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labor*. São Paulo: Vozes, 1987.

Sites consultados:

<<http://goo.gl/k5srrS>>. Acesso em: 27/04/2015.

<<http://goo.gl/jrRW1K>>. Acesso em: 28/04/2015.

<<http://goo.gl/6LD7y4>>. Acesso em: 28/04/2015.

<<http://goo.gl/RT8SbB>>. Acesso em: 28/04/2015.

<<http://goo.gl/1Ktzxw>>. Acesso em: 28/04/2015.

<<http://goo.gl/7QmcFF>>. Acesso em: 26/04/2015.